



OS SOBRADOS ASSOMBRADOS DO RECIFE VELHO: RELATOS DE GILBERTO FREYRE



THE HAUNTED TOWNHOUSES OF OLD RECIFE: REPORTS BY GILBERTO FREYRE

IVSON BRUNO DA SILVA

RESUMO | INDEXAÇÃO | TEXTO | REFERÊNCIAS | CITAR ESTE ARTIGO | O AUTOR
RECEBIDO EM 31/03/2021 • APROVADO EM 08/05/2021

Abstract

This article aims to analyze the space and the fantastic in the story “A casa da esquina do Beco do Marisco”, present in the work **Assombrações do Recife velho**, by Gilberto Freyre. Based on theoretical constraints that combine literature with society, it was possible to conduct an investigation that required the social, cultural and historical context, for a better understanding of the supernatural that houses the houses in the narrative, in a Recife daily life amalgamated by urban progress. Anchored in the dichotomy between the normal and the abnormal, in the transgression of the conception of reality, the text attests that in haunted houses there is a rupture of socially institutionalized norms, whose unusual events are not capable of being understood by the laws of rationality and communicate individuals a world full of uncertainties, illusions and unusual beings.

Resumo

Este artigo objetiva analisar o espaço e o fantástico no relato *A casa da esquina do Beco do Marisco*, presente na obra **Assombrações do Recife velho**, de Gilberto Freyre. A partir de condicionantes teóricos que aliam a literatura à sociedade, foi possível fazer uma investigação que requisitasse o contexto sociocultural e histórico, para uma melhor compreensão do sobrenatural que alberga os sobrados na narrativa, em um cotidiano recifense amalgamado pelo progresso urbano. Ancorado na dicotomia entre o normal e o anormal,

na transgressão da concepção de realidade, o texto freyreano atesta que em casas mal-assombradas há a ruptura das normas socialmente institucionalizadas, cujos acontecimentos estranhos não são passíveis de serem compreendidos pelas leis da racionalidade e comunicam aos indivíduos um mundo repleto de incertezas, ilusões e seres insólitos.

Entradas para indexação

KEYWORDS: Fantastic literature. Space. Assombrações do Recife velho. Gilberto Freyre.

PALAVRAS-CHAVE: Literatura fantástica. Espaço. Assombrações do Recife velho. Gilberto Freyre.

Texto integral

1. INTRODUÇÃO

“A história da cidade do Recife não é uma história apenas natural: tem seus mistérios” (FREYRE, 1970, p. 4), salientou Gilberto Freyre (1900-1987), em texto publicado no **Diário de Pernambuco**. Essa afirmação do autor tem base em suas pesquisas sobre os relatos de assombrações na capital pernambucana, onde as avenidas, as pontes, os rios e os sobrados são albergados por forças místicas. O interesse dele pelo assunto culminou na obra **Assombrações do Recife velho**, publicada inicialmente em 1955, cujo registro aponta para a memória de uma cidade mergulhada não só em um passado de revoluções libertárias, mas também nas superstições e crenças sobre-humanas que formaram o imaginário social.

Ao produzir esse livro, ele dá continuidade a uma escrita de histórias recifenses sobre acontecimentos insólitos, principiada nas produções literárias de Carneiro Vilela (1846-1913), como em **O Esqueleto** (1875) e **A emparedada da Rua Nova** (inicialmente publicada no ano de 1886 e, posteriormente, nos folhetins do *Jornal Pequeno*, entre 3 de agosto de 1909 e 27 de janeiro de 1912). Com isso, a literatura pernambucana tem no olhar freyreano um novo destaque no que tange o tema do fantástico. As estranhezas frente às ordens do real e do sobrenatural, cuja ameaça atinge a ilusão de normalidade dos cotidianos intra- e extratextuais, emergiram de relatos colhidos da boca do povo e de arquivos oficiais, transfigurando-se para o livro de Freyre com a originalidade e a criatividade essenciais para demonstrar as expressões da fantasticidade.

As narrativas demarcam eloquentemente os espaços da cidade nas épocas colonial e republicana, onde os hábitos dos indivíduos se modificavam junto às transformações urbano-sociais e à fama de casas ocupadas por visagens. Nesse sentido, há nas páginas da obra um guia turístico pela urbe, mostrando um lado incógnito e assombrado, em que as leis da racionalidade humana parecem ser arruinadas pela natureza secreta do fantástico. Nos textos, os espectros e os velhos sobrados resistem ao progresso e ao desenvolvimento arquitetônico, recuperam a cultura, os hábitos e os ritos locais, com as marcas da ambiguidade e da anormalidade características dos episódios inexplicáveis. Ao mundo misterioso de Recife se debruça este artigo, objetivando analisar a espacialidade e o fantástico no relato *A casa da esquina do Beco do Marisco*.

No escopo em que a narrativa freyreana lança luz para uma investigação sobre as duas categorias mencionadas, torna-se fundamental uma análise que requisita o contexto sociocultural e o mundo do leitor como aspectos fundamentais na interpretação do relato. É do campo histórico que repousa as armadilhas do sobrenatural no texto, auferidas da memória coletiva, contemplando uma leitura com pilares teóricos ancorados na ligação entre a literatura e a vida. Ao se assumir uma postura analítica em que as interferências estéticas têm ressonância na exterioridade, compreende-se, em sua completude, os pormenores que desestabilizam as formas de apreensão da realidade.

2. O ESCRITOR GILBERTO FREYRE, O ESPAÇO E O FANTÁSTICO

A obra **Assombrações do Recife velho** oportuniza visualizar um Freyre que ultrapassa as nomenclaturas corriqueiras atribuídas a ele, como de sociólogo, antropólogo ou historiador. Nela, é possível perceber o escritor de literatura em ação, como ele se autodesignava. No livro **Como e porque sou e não sou sociólogo**, o autor pernambucano é assertivo nessa visão:

O que principalmente sou? Creio que escritor. Escritor literário. O sociólogo, o antropólogo, o historiador, o cientista social, o possível pensador são em mim ancilares do escritor. Se bom ou mau escritor é outro assunto. (...)

Ser alguém escritor é desenvolver uma atividade que nada tem de burocrática. É uma atividade mais de aventura que de rotina. A sociologia da atividade do escritor está ainda por fazer. É uma sociologia difícil de ser traçada, tão diferente tende a ser o escritor de outros homens, quer dos das chamadas profissões liberais, quer dos que vivem de ofícios ou de artes. (...)

Sou um escritor – ou um constante aprendiz de escritor – que nas tentativas de captar e interpretar aspectos situados da condição humana, em geral, através do homem tropical, especialmente da do brasileiro, em particular, vem procurando captá-los e interpretá-los por meio de várias perspectivas, por vezes simultâneas (FREYRE, 1968, p. 165-178).

Para Freyre, há uma liberdade na figura do escritor, por se servir de um saber distante do convencionalismo científico e de estilos acadêmicos ou ortodoxos. A verdade é que, na condição que se autodenominou, ele não se reduziu a uma fixa imagem, baseada nas visões críticas de suas produções intelectuais, serviu-se de um caráter híbrido, podendo se apropriar de condicionantes sociológicos, históricos ou antropológicos, para expressar, com criatividade, as variadas formas como os indivíduos estão e se percebem no mundo. O autêntico escritor é aquele que “precisa pensar, sentir e escrever sem subordinação a qualquer força econômica ou politicamente dominante” (FREYRE, 1968, p. 188), ele projeta, evoca e interpreta, por meio da linguagem, os dilemas do viver humano.

Conciliado com a percepção freyreana está o pensamento de Antonio Candido, no ensaio “Gilberto Freyre, crítico literário”. Ele advoga que Freyre propõe uma autodefinição desapegada das corporações científicas rotuladas, procurando agir com pluralismo e liberdade. É inseparável da sua personalidade intelectual o sociológico e o literário, em um sentido dialético que, ao se buscar o sociólogo ou o crítico, encontra-se o escritor, e vice-versa. Há um deslizamento nessa imagem que põe o autor de **Casa-Grande & Senzala** nos caminhos de uma precisão racional e técnica, embora, ao mesmo tempo, guia-se pelas liberdades artísticas, pelas fantasias e pelo prazer estético (CANDIDO, 1962, p. 120-124).

A alusão ao caráter dialético da intelectualidade de Freyre ressoa em **Assombrações do Recife velho**. No livro, o autor reúne uma série de relatos de visagens, lobisomens, aparições diabólicas e sagradas, botijas escondidas e acontecimentos insólitos em sobrados, com as matizes antropológicas e históricas que os credenciam. Ainda que não se trate de uma sociologia do sobrenatural, há uma contribuição sociológica nos textos, delineando uma espécie de convivência entre os vivos e os mortos, entre os humanos e os seres monstruosos, em que a razão pode ser ameaçada pelas leis do desconhecido. Por isso, torna-se insuficiente um enquadramento estrito dessas histórias que, originárias da memória coletiva, possuem o toque da criatividade do escritor.

Newton Moreno, em “Pois o Recife Antigo teve uma rua chamada do Encantamento”, lembra que Freyre permitiu dupla abordagem na obra ao estudar e narrar os episódios assombrados. A partir dos fantasmas, é possível entender a gênese do povo recifense e suas variadas características, através da relação com os mistérios e com as almas do outro mundo. Em uma sociedade que viveu a dureza de um país colonizado e com desigualdades sociais, a fuga fantasiosa dos indivíduos ecoava no campo do imaginário. Alicerçados nas tradições oral e popular, os relatos são os testemunhos da construção social. A capital pernambucana das históricas revoluções também tem espectros subversivos e revolucionários, cujo autor transfigura para as páginas do livro com a contribuição coletiva de quem viveu a cultura de crenças fantasmáticas (MORENO, 2008, p. 10-16).

Com os sentidos amalgamados pelos componentes histórico-sociais, os relatos têm propriedades estéticas condicionadas à exterioridade do texto. Os espaços da cidade remetem às vielas escuras de um Recife iluminado, ao anoitecer, pelos candeeiros e, com o progresso, recebendo os primeiros sinais de eletricidade. As ruas e os velhos sobrados ambientam a urbe com os costumes burgueses e revelam lugares eivados por experiências místicas. Cada localidade descreve a identidade e a formação cultural dos habitantes, endossada pelo clima de ambiguidade provocado pelas presenças insólitas.

Fica nítida a relevância da categoria do espaço nos textos. Os lugares referenciados, principalmente os sobrados, possuem destaque quanto ao fato de serem habitados pelo sobrenatural. Através das casas mal-assombradas, visualizam-se os detalhes do cotidiano dominado pelo anormal. As almas penadas refugiam-se nos antigos burgos e fazem do lugar uma espacialidade temida e famosa por circunstâncias extraordinárias. Essa atmosfera, onde coabitam as ordens do conhecido e do desconhecido, é orientada pelo legado de lendas urbanas que se misturam à história de Recife.

As leituras analíticas do espaço, impostas aos relatos, são norteadas pelos vínculos com o contexto social, embora nem sempre esse componente narrativo obtive ênfase e nexos extratextual nos estudos de literatura. Luis Alberto Brandão, em **Teorias do espaço literário**, advoga que a espacialidade não teve destaque nas correntes do Formalismo Russo, *New Criticism* norte americano, Fenomenologia e Estilística, pelo fato dessas vanguardas terem se recusado a atribuir à arte o encargo de representar a realidade e estarem vinculadas a uma linhagem de pensamento imanentista do texto. O estruturalismo, difundido a partir de 1960 e impulsionado na França, revisa os postulados formalistas, mas ainda mantém o espaço em papel secundário, ao compreendê-lo como uma orientação epistemológica e um empirismo da linguagem. Só a partir da força intelectual dos Estudos Culturais e da Estética da Recepção, na segunda metade do século XX, que a categoria enquadra-se como um sistema formal e cultural, em uma perspectiva representativa e histórica dos significados espaciais (BRANDÃO, 2013, p. 22-31).

Esse último sentido dado ao espaço permitiu explorá-lo no quadro de referências simbólicas e de valores de natureza sociocultural, na medida em que a literatura era percebida incorporada à realidade concreta. Tal como propõe Antonio Candido, em **Literatura e sociedade**, o vínculo com a exterioridade é inerente à arte, por ela se inserir em um universo de perspectivas histórico-culturais e de um sistema de comunicação inter-humana. Dessa forma, o literário, carregado de conteúdo e forma, e a vida, fluxo dos dilemas humanos, são guiados por um movimento dialético de influências recíprocas (CANDIDO, 2006, p. 27-49).

Envoltos por interferências do contexto estão às configurações dos espaços nos relatos de Freyre. Os lugares aludem ao imaginário social de uma cidade mobilizada pelas incertezas do real, impostas pelo fantástico. A discussão acerca desse tema foi sistematizada no livro seminal **Introdução à literatura fantástica**, de Tzvetan Todorov. O crítico búlgaro assegura que a presença de um ser ou acontecimento sobrenatural define o gênero, de modo que personagem e leitor implícito ficam diante da ambiguidade entre a verdade ou a ilusão do fato inexplicável. Esse efeito de vacilação é o cerne do fantástico, que ainda se liga a dois gêneros vizinhos: o estranho, quando se procura explicações racionais para o evento insólito, e o maravilhoso, ao se naturalizar as incomuns presenças no cotidiano (TODOROV, 1975, p. 29- 63).

Ainda de acordo com Todorov, a poesia, devido ao discurso metafórico, e a alegoria, pelo seu caráter de múltiplos sentidos, são obstáculos para a existência do fantástico na literatura. É necessário que os elementos sobrenaturais sejam interpretados literalmente, sem que haja a atribuição de um sentido secundário (TODOROV, 1975, p. 65-81). Essas conceituações, apesar de demonstrarem algumas imprecisões, continuam sendo essenciais para o entendimento da literatura fantástica. Os estudos posteriores sobre o assunto propõem novas reflexões, inclusive retomando os postulados todorovianos, como pode ser percebido em textos de Irene Bessièrre e de David Roas. Ambos os críticos aludem à perspectiva do fantástico vinculado ao contexto sociocultural, aspecto indispensável na análise da narrativa de Freyre.

No artigo “O relato fantástico: forma mista do caso e da adivinha”, Bessièrre admite o efeito de incerteza do fantástico, defendido por Todorov, porém não o considera como gênero literário. Para ela, é uma lógica narrativa, refletindo as

transformações culturais da razão e do imaginário coletivo. No confronto dicotômico entre o real e o irreal, há a utilização dos traços do cotidiano, para que haja a instauração do fenômeno sobrenatural. Assim, o relato faz uso de componentes da realidade para a criação de um universo suprassensível. A fantasticidade apropria-se de marcos socioculturais para organizar o confronto entre as percepções de real de uma civilização, conforme variadas épocas (BESSIÈRE, 2009, p. 1-18).

A forma mista do caso e da advinha liga-se ao fato do relato fantástico ser uma lógica que se aproxima da oralidade na contação de histórias possíveis e, ao mesmo tempo, ressoa no mistério que lhe confere a ruptura das ordens estabelecidas. Constrói-se a expressão da perplexidade humana, dominada pela união entre a incerteza e a verdade, cujo fim é a incapacidade de resolver o conflito com o desconhecido. De toda forma, o fantástico tem apoiado em seu discurso uma ligação com o sistema de crenças culturais que dá materialidade à vida (BESSIÈRE, 2009, p. 14).

Em paralelo a visão da pesquisadora francesa, David Roas, no livro **A ameaça do fantástico**, reconhece a afinidade do relato fantástico com o campo extratextual. Ele destaca que a narrativa precisa colocar a história narrada em contato com o mundo do leitor, para que se possa ameaçar a estabilidade e a noção de normalidade do cotidiano. Dessa maneira, é imprescindível que se requisite o contexto sociocultural, de modo a intervir na ideia de real e causar a transgressão das leis psicossociais. O texto tem representações da cosmovisão de quem lê e subverte, através da irrupção do inadmissível, os quadros de referências da realidade (ROAS, 2014, p. 109-130).

O crítico espanhol reconhece que o sobrenatural e a hesitação sejam aspectos da narrativa fantástica, mas admite outro efeito essencial: o medo. Para ele, consciente que talvez não seja a denominação adequada, existe “o medo físico ou emocional”, cuja integridade física da personagem é afetada, com experimentação no nível da ação, como o receio do caráter assassino do vampiro, e o “medo metafísico ou intelectual”, próprio do fantástico, envolvendo o leitor ao inquietá-lo quando se produz o rompimento com a ideia de realidade (ROAS, 2014, p. 131-161). Vê-se que ao definir a fantasticidade em literatura, Roas deixa claro não está de acordo com conceituações estritamente imanentistas e enfatiza a relação entre as experiências insólitas no texto e o horizonte de expectativa do leitor. Dessa forma, o sentido guiado é sempre o das mudanças culturais da razão.

Portanto, acolhidos sob a égide de coordenadas histórico-sociais estão o fantástico e o espaço, ambos alcançando leituras interpretativas elaboradas pelo diálogo entre o texto e a sociedade. As propriedades estéticas do relato *A casa da esquina do Beco do Marisco*, presente na obra **Assombrações do Recife velho**, de Freyre, acolhem as características que colocam as espacialidades e os fatos sobrenaturais em ligação com o contexto. A escolha analítica dessa narrativa espelha-se na riqueza dos fenômenos insólitos e das demarcações espaciais, eivados por conteúdos políticos, sociais e históricos. O relato evidencia a fragilidade de certezas sobre a realidade e mostra o Recife imerso em crenças que confrontam a racionalidade humana.

3. OS MISTÉRIOS DA CASA DA ESQUINA DO BECO DO MARISCO

Foram muitos os mistérios que rondaram os antigos sobrados recifenses. No relato *A casa da esquina do Beco do Marisco*, diz-se que um velho prédio possuiu a fama de mal-assombrado. Foi um edifício de três pavimentos, construído em 1865, que passou anos desocupado, com placa de “aluga-se”, devido aos rumores de visagens. Após tempos fechado, foi ocupado por Belarmino Mouco, rapaz surdo, e sua família, que passaram a se deparar com acontecimentos insólitos e almas penadas. Após o suicídio misterioso do empregado, eles abandonaram o local, reiterando a crença popular de assombrações. Diante daquela reputação sobrenatural, a polícia tentou intervir, mas não obteve sucesso: recebeu a ameaça dos espíritos zombeteiros. O resultado desse conflito com o desconhecido foi a venda da casa, culminando na construção do primeiro cinema de Recife e, mais tarde, substituído por uma igreja. Essas modificações fizeram sumir os fantasmas que, outrora, apavoraram os habitantes da cidade (FREYRE, 2008, p. 162-165).

Após esse resumo, vale destacar a localização do sobrado na narrativa: na esquina do Beco do Marisco, na Rua Augusta. O lugar fica no bairro de São José, onde Freyre relata ser refúgio de assombrações. A remissão do autor à viela conduz o leitor a investigar a real existência desse espaço na história do Recife. A cidade passou por diversas transformações urbanas, ao longo dos séculos XIX e XX, impulsionadas, principalmente, pelo ideário de progresso. Nesses períodos, seu eixo central era mudado por ações de preservação e demolição de prédios, para a reestruturação, criação e alargamento de vias, como ocorreram na Avenida Dantas Barreto (LORETTO, 2008). Nesse cenário de modificações, aos poucos foram desaparecendo ruas da capital pernambucana, entre elas, a mencionada no relato freyreano. Logo, embora tenha se extinguido, no passado, a localidade foi cenário de histórias assombradas:

Em um velho prédio, também com fama de mal-assombrado, da Rua Augusta, na esquina do Beco do Marisco, à noite, depois que todos dormiam, ouvia-se um barulheira dos diabos: queda de móveis, correntes arrastadas pelo assoalho, portas se abrindo. Pior do que o sobrado chamado da Estrela. Era como se nele se cumprisse o fadário de casa de esquina: “Casa de esquina, triste sina!”.

O bairro de São José é o refúgio daquelas assombrações do tempo dos reis velhos que outrora tornaram famoso o Recife propriamente dito: a quase ilha do Recife. (...)

Nos sobrados mais antigos dessa parte, também mais antiga, da cidade, a verdade é que se achou nos primeiros anos deste século, com as demolições de casas, de arcos e até da Igreja de Corpo Santo – que era monumento e não apenas igreja velha – muita moeda enterrada. Muito ouro do tempo colonial (FREYRE, 2008, p. 162).

O Bairro de São José tem uma história de sobrados ocupados por almas penadas e acontecimentos estranhos. Há outros relatos freyreanos ambientados

nesse território, como em *O sobrado da Estrela*, referenciado na narrativa. O espaço ganha destaque por ter sido o nascedouro do crescimento urbano do Recife, área central onde se concentrou o desenvolvimento econômico da cidade. O lugar, com casas de arquitetura colonial, ao longo do período oitocentos, passou por um lapso de demolições, com as reformas e a destruição de edifícios, decorrente dos anseios de modernização. Até a metade do século XX houve mudanças e, junto com as transições estruturais, caminhavam as crônicas de assombrações, lendas e superstições.

Freyre evidencia a história de dinheiro enterrado na Igreja de Corpo Santo, capela que surgiu junto ao início de urbanização do Recife e findou-se no contexto de progresso, e em outros antigos sobrados. O autor alude à botija escondida, elemento lendário das crenças do povo recifense. Câmara Cascudo, em **Dicionário do Folclore Brasileiro**, lembra que esse tesouro escondido foi deixado pelos holandeses ou por pessoas ricas. O dinheiro, dado pelos espíritos, para ser descoberto, dependeria de certas condições vindas da crença popular, como a obediência e alguém ir sozinho, em silêncio e sem interrupção, identificar o ouro, deixando no local uma moeda. Apenas quem sonhou com a botija poderia ir buscá-la e, caso houvesse alguma violação das regras, a riqueza transformava-se em carvão (CASCUDO, 2005, p. 862).

O tema da botija é frequente no imaginário nordestino, mostrando uma geografia de encantamentos cuja tradição está sempre sendo reelaborada ao longo da história, em diversas partes do mundo. Ao mencionar o assunto no relato, Freyre preserva a cultura de crenças ritualísticas e simbólicas, explorando a dimensão fantástica de territórios que guardam segredos sobrenaturais e a memória de uma época. A Igreja do Corpo Santo, lugar onde se acreditava terem encontrado moedas, foi o cenário de históricos protestos contra as demolições que ocorreram em São José, com protagonistas referenciados na narrativa. No relato, ao lembrar terem encontrado moedas do tempo d'El-Rei Dom José de Portugal, o autor comenta sobre as modificações do bairro e a participação de Alfredo de Carvalho: “na época quase a única voz de pernambucano a protestar com vigor contra a destruição dos arcos e da Igreja do Corpo Santo” (FREYRE, 2008, p. 163).

Como marca do relato freyreano, sempre estão presentes as figuras que fazem parte da história de Pernambuco. Alfredo de Carvalho (1870-1916) foi um historiador que demonstrou oposição à demolição desse patrimônio do bairro, destruído para a construção da Avenida Marques de Olinda e de seus arredores, em 1913. O fim da igreja no local e a reformulação do entorno portuário representaram as aspirações da elite econômica e açucareira do estado. Colaborador de diversos periódicos recifenses, como o **Diário de Pernambuco**, Carvalho defendia a memória urbana que, naquele período, estava sendo modificada pela reestruturação do bairro de São José, cuja destruição da Igreja do Corpo Santo é um símbolo dessas transformações.

Como pode ser percebido, inevitavelmente fazem-se conexões entre os espaços mencionados no texto de Freyre e os lugares indicadores na história de Recife. Essa ligação remete a capacidade da literatura em induzir o leitor ao nexo entre a estética e a vida. As espacialidades textuais que dialogam com o contexto receberam de Brandão a caracterização de representação do espaço. O pesquisador brasileiro define essa abordagem a partir da compreensão de que existem

elementos narrativos que fazem referência direta à exterioridade, ou seja, o leitor alude a lugares que comumente são encontrados no cotidiano social (BRANDÃO, 2013, p. 58-60). Logo, pode-se dizer que os locais representados no conduzem aos presentes na história da capital pernambucana, mergulhados em alterações de uma desejada modernidade.

No meio dessa metamorfose cidadina estava o sobrado da esquina do Beco do Marisco, com ocorrências inquietantes que assombravam a população. Descritos no início do relato, os acontecimentos estranhos do local, como a queda de móveis e as correntes arrastadas pelo assoalho, evidenciavam que havia forças secretas e obscuras habitando na casa. O fadário, ou seja, o destino decidido pelo poder sobrenatural, era intensificado pelo imaginário de edifício localizado nas esquinas dos lugares, como se o espaço estivesse demarcando a ponta de uma encruzilhada assombrada, pertencente às almas do outro mundo. Na aresta da viela, o sobrado é descrito por Freyre como um velho burgo típico do Recife oitocentista:

Mas não nos distanciemos do assunto; e voltemos ao sobrado misterioso da Rua Augusta. Ficava ele à esquina do Beco do Marisco. Era sobrado de dois andares, além do térreo. Na verdade, de três: três pavimentos. Sua construção datava apenas de 1865. Quase uma criança entre os sobrados velhos da cidade. Tinha de frente cinco janelas; e, no oitão, oito. Um sobrado como qualquer outro. Sem brasão, sem busto de Camões, sem estátua da fortuna ou estrela de pedra para a distinguir dos outros. Passou anos desocupado. O povo dizia que ali vagavam espíritos: o bastante para o papel de “aluga-se” amarelecer nas vidraças (FREYRE, 2008, p. 163).

A caracterização do sobrado reforça a arquitetura de prédios da cidade, ao longo do século XIX. Neste período, os espaços recifenses tinham a topografia de casas com dois, três e, diferente de outros locais do país, maiores andares, atendendo ao conceito habitacional da burguesia e dos fidalgos do comércio, como destaca Freyre, no livro **Sobrados e Mucambos**. Eram edifícios que, em seus pavimentos, recuperavam os dilemas sociais existentes nos engenhos: havia a senzala no andar térreo junto ao armazém, principalmente em lugares vividos pelos mais ricos, a exemplo dos comissários de açúcar (FREYRE, 2013, p. 235). No bairro de São José as residências se misturavam ao comércio e às atividades do porto, com uma configuração imagética própria da paisagem urbano do local.

Com os realinhamentos das ruas e o planejamento do bairro, casas foram desocupadas e, algumas ainda permanentes, não receberam hóspedes por um motivo insólito: a fama de serem mal-assombradas. O sobrado da esquina do Beco do Marisco foi uma delas, ficando por anos com placa de “aluga-se”, devido aos boatos de visagens. Depois de anos, foi ocupado pelo surdo português Belarmino Mouco, deparando-se com o mundo insólito que cercava a habitação:

Na mesma noite do dia em que Belarmino Mouco foi ocupar o segundo andar do prédio sinistro, sua gente começou a ver visagens e a ouvir barulhos na escada. Vultos entrando e saindo dos quartos. Ruídos de acordarem surdos. Um desadouro. Era como se a casa não fosse dos vivos mas dos mortos. Ou dos vivos só por favor: na realidade e pelo direito, dos mortos ou dos seus espíritos.

Esses barulhos e essas assombrações continuaram. Depois que todos dormiam, ouviam-se quedas tremendas de móveis na sala de visitas, correntes arrastadas pelo assoalho, portas abrindo-se ou fechando-se com escândalo.

O barulho era de tal maneira que o próprio Belarmino Mouco, com toda a sua surdez, levantou-se mais de uma noite para ver o que se quebrara dentro da casa. Mas encontrava tudo em ordem. Os móveis nos seus lugares. As portas fechadas a ferrolho. E corrente só havia no sobrado a do seu relógio: correntona de burguês que apenas começava a ser sólido (FREYRE, 2008, p. 163-164).

No sobrado, os fatos inexplicáveis que ameaçam a razão repousam no domínio do fantástico. A construção desse modo narrativo decorre da estruturação de elementos dentro da casa que, em algum instante, passam a desestabilizar a normalidade do local. A partir do momento em que os acontecimentos insólitos ocorrem, há a evidência de uma fenomenologia meta-empírica desorganizando a ordem vigente do cotidiano, culminando na ambiguidade quando os indivíduos procuram explicações para as estranhas ocorrências ouvidas ao longo da noite, quando todos iam dormir. É evidente a capacidade do fantástico de fazer uso de componentes realistas do ambiente para que, por meio deles, instale a antinomia entre o possível e o impossível, o normal e o anormal. Há, porém, a predominância do poder do sobrenatural, dando conta de transgredir as leis do real e manter a inviabilidade de sua compreensão.

Em **A construção do fantástico na narrativa**, Filipe Furtado reforça esse caráter de dominação fantástica nos princípios ordenadores da realidade. O crítico argumenta que os fenômenos sobrenaturais não irrompem de forma arbitrária, mas dentro de um contexto de ação e de um enquadramento espacial aparentemente normal. De um cotidiano familiar, falseia-se a imagem equilibrada das coisas, de modo à nunca propor a certeza total sobre o teor do mundo, envolvendo a leitura do texto à incerteza dos fatos e conduzindo o receptor à subversão das leis naturais. Acentuada por todas as formas de verossimilhança, a fantasticidade constrói diversos artifícios dentro da obra, como a ilusão de estabilidade do cenário, para promover a introdução do inadmissível (FURTADO, 1980).

No relato freyreano, tem-se um espaço construído a partir da ordem e da desordem, para sublinhar a incapacidade das testemunhas de refletir empiricamente sobre as leis instauradas. Entre o instante em que os fatos insólitos ocorrem e Belarmino Mouco acordar, há o poder do fantástico em interferir na definição do natural e do sobrenatural, perturbando àqueles que não conseguem racionalizar acerca de eventos incomuns que desafiam o intelecto humano. Da indefinição e da repentina modificação espacial ressoa a fantasticidade presente na narrativa, construindo um território onde as ações afetam a capacidade dos indivíduos de se sentirem tranquilos e confortáveis no ambiente. O sobrado parece

não pertencer aos moradores vivos, pois é propriedade das visagens torna-se palco de peripécias do inexplicável.

As narrativas fantásticas podem caminhar por ocorrências que findam em tragédias e em morte. É o que ocorre no sobrado da esquina do Beco do Marisco, quando a morte do empregado de Belarmino Mouco muda os rumos da permanência na casa mal-assombrada:

Um dia apareceu morto no segundo andar do sobrado um dos empregados de Belarmino Mouco. Foi encontrado enforcado. Suicídio, apurou a polícia. Mas o motivo?

O suicida era um rapaz de seus 24 anos de idade, de nome João Teixeira. Não deixou declarações. Um suicídio misterioso. Em torno do caso fez-se grande celeuma. O empregado de Belarmino Mouco passou a ser considerada vítima dos espíritos maus que vagavam no sobrado. Mártir das assombrações. Pois as assombrações também têm seus mártires. Gente que morre ou se suicida de pavor: assombrada (FREYRE, 2008, p. 164).

A morte de João Teixeira é o motivo para o fim da coragem de Belarmino Mouco em residir na casa assombrada. O relato reitera a capacidade das almas do outro mundo em interferir na vida dos indivíduos de forma trágica. Seja por medo ou por óbito causados pelo sobrenatural, o suicídio atesta a dificuldade em resistir aos efeitos e consequências provocadas pelo fantástico. Ademais, apesar de existir a incerteza sobre as motivações que levaram o empregado ao suicídio, ecoando o mistério em torno do episódio, torna-se inevitável o nexos entre os acontecimentos insólitos e o ocorrido. Como mártir das assombrações, o relato reforça um aspecto já indicado em muitas narrativas fantásticas: a fatalidade, cujas testemunhas morrem ou enlouquecem (ROAS, 2014, p. 153).

Após a saída de Belarmino Mouco do sobrado, as manifestações sobrenaturais continuaram a aterrorizar quem passava pela rua. Os vultos e as mãos misteriosas que apareciam no local assombravam os habitantes que, ao anoitecer, reuniam-se, como quem assiste a um espetáculo de terror, para tentar observar as estranhezas do lugar. As consequências disso são os assombramentos: “correrias, gritos, mulheres com histéricos, não davam mais sossego à rua” (FREYRE, 2008, p. 164). Havia o reforço constante de que aquele espaço estava ocupado por forças místicas, incapazes de serem entendidas pela racionalidade humana. Na tentativa de solucionar o problema, a polícia da cidade intervém e é surpreendida pelo fantástico:

Era subdelegado local o Heliodoro Rebelo. Fora despachante federal e não era homem de lorotas.

Uma noite, estando muito povo diante do prédio e sendo grande a celeuma, a polícia resolveu violar a porta da escada do sobrado encantado. Mas no terceiro lance da escada jogaram tanta areia nos olhos dos soldados que os sacudidos cabras de facão rabo-de-galo

desceram do sobrado às carreiras, uns ainda se limpando da areia, outros pálidos como se tivessem visto o próprio demônio. O povo convenceu-se então de que não havia dúvida: o sobrado estava ocupado por espíritos furiosamente ruins (FREYRE, 2008, p. 165).

Indiscutivelmente, nem mesmo a polícia, órgão de segurança dos homens, foi capaz de vencer a ameaça da casa. Não seria a força física ou as leis humanas que impediriam o sobrenatural de assombrar e desestruturar a ordem daquele cotidiano. É preciso atentar para o fato de que as visagens parecem se apropriar do local como verdadeiros proprietários, de modo a não permitirem a coexistência de algo diferente do universo fantástico. No espaço residem dados contraditórios, deixando evidente aquilo que é ambíguo e paradoxal. Como esclarece Bessière, o relato fantástico, utiliza-se de formas de “compreensão que definem os domínios do natural e do sobrenatural, do banal e do estranho, não para concluir alguma certeza metafísica, mas para organizar o confronto entre os elementos” (BESSIÈRE, 2009, p. 3) que escapam as normas instituídas.

Com a evidência de fatos insólitos no sobrado, o fantástico põe em jogo um aspecto fundamental para sua validação na narrativa: a transgressão da realidade. De acordo com Roas, o mundo do leitor é requisitado, pois como os componentes intratextuais representam, em grande medida, o contexto social, a irrupção do sobrenatural viabiliza a desordem dos universos literário e histórico. É essencial que quem for ler o texto visualize ambientes reconhecidos na exterioridade, para que a percepção sobre o familiar seja deturpada e transforme em ilusão qualquer tentativa de racionalizar o real. Isso significa que o fantástico funciona na presença do sobrenatural e da ambiguidade, mas para ganhar o *status* desse modo narrativo é preciso considerar o espaço onde o leitor habita (ROAS, 2014).

O fantástico é definido a partir da capacidade de ameaçar a estabilidade das realidades intra- e extratextual, cujo fim é a mudança na visão dos referentes pragmáticos. Para chegar neste propósito, o sobrenatural faz uso do mundo representado, por meio da linguagem, que dialoga com a vida. O objetivo torna-se muito mais do que evidenciar as presenças inquietantes, mas demonstrar que o cotidiano não funciona de acordo com a normalidade reconhecida. Sugere-se o insólito como um fenômeno de exceção, como um fato incomum, caso contrário, seria convertido como habitual (ROAS, 2014).

Assim circunscreve o espaço da casa da esquina do Beco do Marisco: com estranhamentos que atingem o interior e o exterior dos indivíduos. Uma espacialidade que, dialogando diretamente com o contexto sociocultural de Recife, ou seja, crível, desestabiliza os esquemas mentais do leitor e postula os fantasmas e as circunstâncias inadmissíveis. O fato das pessoas se convencerem de que o sobrado é habitado por visagens, não soluciona e não explica a fantasmaticidade, é a demonstração de que na localidade se habita o medo do desconhecido, onde a razão pode fracassar e o dia a dia pode ser vivido com a ilusão de estabilidade. Permanece a ambiguidade, condição conceitual do fantástico defendida por Todorov, e emprega-se o caráter indefinido das convicções sobre a realidade.

Como sugere Rosemary Jackson, em **Fantasy**: literatura y sbversión, “lo fantástico es una presencia espectral suspendida entre el ser y la nada. Toma lo real

y lo quiebra” (JACKSON, 1986, p. 18). Análogo a um fantasma, esse modo narrativo transforma os espaços em lugares inquietantes, modificando-os à medida que os assombramentos ocorrem e surpreendem as vítimas. Não se criam territórios alheios ao real, ao contrário, são espacialidades sintonizadas com a vida, explorando os receios e os dilemas humanos e sobre-humanos. A realidade dá sentido ao sobrenatural, pois é irrompendo no mundo empírico e transgredindo as leis racionais que postula um universo paralelo, com normas e funcionamento desconhecidos pelos indivíduos.

Perante o poder do fantástico no relato, impedindo que a casa seja ocupada por outros moradores, como palco de irrefutáveis momentos de assombramentos, o que poderia interferir na permanência dos espectros no lugar? A resposta para a pergunta está nas modificações urbanas que pairaram na capital pernambucana ao longo dos séculos XIX e XX, avizinando um ideal de modernização.

Não podendo ter o seu prédio fechado eternamente, o proprietário vendeu-o. Foi ele então reconstruído e adaptado a cinema. Um dos primeiros cinemas do Recife. Como cinema, desencantou-se. As visagens do outro mundo não fizeram competição com as da tela em que apareciam então os endemoninhados de outra espécie: o Max Linder, o Tontolini, o Prince, Lídia Borelli, Teda Bara, Mary Pickford ainda com ar de menina ou mais do que isso: de boneca de menina.

Depois do cinema por alguns anos, o antigo sobrado mal-assombrado passou a igreja protestante. Igreja presbiteriana com muita luz, muito sermão, muita cantoria de hino falando em Jesus. Com o que desapareceram de vez os espíritos zombeteiros que outrora fizeram correr pelas escadas até soldados valentes (FREYRE, 2008, p. 165).

Os fantasmas foram surpreendidos pelo progresso da cidade, com a destruição e a reforma de prédios. Os espaços onde eles assombravam iam sendo destruídos e substituídos por estabelecimentos que anunciavam o novo paisagismo. Se no passado as ruas eram mais escuras, iluminadas à base de azeite de carrapateira, depois substituído pelos sistemas de luminosidade a gás, a evolução urbana fez surgir à eletricidade e clarear os lugares. Logo, as visagens passaram a ocupar os cantos mais escuros dos sobrados e as partes mais sombrias das vielas, limitando os espaços que poderiam irromper e aterrorizar. A desenfreada modernidade modificou as formas como o sobrenatural passou a assombrar nas espacialidades cidadinas.

Se não foi possível competir com os cinemas e os sermões religiosos que substituíram o local de propriedade das almas do outro mundo, o que resta às assombrações, senão o desaparecimento? Seria possível compreender que para findar os fantasmas é necessário destruir suas moradas. Como Recife é uma cidade imersa em crenças fantasmagóricas, talvez não houvesse a extinção do sobrenatural, mas sua mudança para lugares onde seria viável não competir com o progresso e continuar com as tradicionais manifestações insólitas. O fantástico necessita de

espaços sombrios onde possa criar ambientes capazes de explorar os medos universais e íntimos dos indivíduos.

Mary Del Priore, no livro **Do outro lado**: a história do sobrenatural e do espiritismo, explica que os anos posteriores à República foram marcados por uma europeização dos lugares. A humanidade entrou em uma nova etapa de desenvolvimento material e científico, marcado pelo progresso desenfreado e pelas crises econômicas, sociais e urbanas. Houve o nascimento de cidades desconhecidas e monstruosas, habitadas por histéricos e loucos em noites carregadas de medo e mistério. A avalanche dessas transformações na vida cotidiana também resultou em resistência à modernização, uma espécie de “revolta contra a razão”, onde os indivíduos recorriam ao fantástico e ao imaginário popular, ou seja, a uma literatura escapista que os transportava para outro mundo, onde o sobrenatural era protagonista. O impacto dessas tensões ecoou na ficção, com autores comprometidos com a encruzilhada entre o real e o irreal, como **O retrato de Dorian Gray**, de Oscar Wilde, **Drácula**, de Bram Stoker, e **Frankenstein**, de Mary Shelley (DEL PRIORE, 2014, p. 126-164).

O relato de Freyre reitera as modificações urbanas e as mudanças no pensamento social ao longo do tempo. O fantástico atravessa os lugares em diversas partes do mundo, fazendo parte do Recife pela força do imaginário sobrenatural e de crenças que definem a identidade do povo pernambucano. A literatura freyreana dá continuidade a uma tradição de casas mal-assombradas onde há uma forma de sociabilidade, com indivíduos convivendo de forma desarmoniosa com espíritos bons e demônios. Pode-se dizer que junto com o livro **Assombrações do Recife velho**, muitos outros textos anteriores, como **A filha do fazendeiro** (1872), de Bernardo Guimarães, e “O impenitente” (1893), de Aluísio de Azevedo, compõem esse conjunto de narrativas brasileiras em que as casas protagonizam acontecimentos fantásticos.

O caso no sobrado da esquina do Beco do Marisco indica como as concepções sobre o real vão modificando conforme a época e se transformando de acordo com as metamorfoses sociopolíticas, ambientais e culturais. Assim como acentua Freyre (2008, p. 31), há transformações, porém, não ocorre a extinção dos mistérios, mesmo com a luz elétrica e o progresso. Há um Recife impossível de esquecer e vivo na estética e no imaginário popular: àquele ocupado por seres que deturpam a visão de realidade, com os espaços habitados pela antinomia entre o possível e o impossível, com ameaça as seguranças institucionalizadas e desafiando a lógica humana.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao principal objetivo desta investigação se finda este artigo: analisar a eficácia estética do espaço e do fantástico no relato *A casa da esquina do Beco do Marisco*, presente na obra **Assombrações do Recife velho**, de Gilberto Freyre. Foi possível perceber, ao longo do trabalho, que se torna limitada a leitura estrita acerca da intelectualidade freyreana, pois a autodenominação de escritor de literatura coloca-o em uma posição mais livre e criativa no fazer artístico. Essa definição

ressoa no livro dos mistérios que cercam a capital pernambucana, com espacialidades dominadas pelos enigmas da fantasticidade.

O espaço ocupou uma posição de destaque no relato, pois o sobrado foi o principal protagonista dos acontecimentos estranhos. Nele, a ordem e a desordem do mundo promoveram a ruptura com os quadros de referência da realidade. A ambientação, amalgamada pelas mudanças urbanas de Recife, dialogaram com a história da cidade e atestaram a impossibilidade de uma investigação sobre o espaço e o fantástico que não requisitasse a exterioridade do texto. As assombrações na casa aludem ao imaginário popular que foi se transformando ao longo do tempo, principalmente devido ao progresso.

Os assombramentos no sobrado fizeram com que os indivíduos modificassem a visão de real, culminando na transgressão das percepções sobre o cotidiano. Este é o aspecto predominante do fantástico: deturpar a concepção de realidade e recuperar a dicotomia entre o normal e o anormal, ancorando-se nos primas socioculturais. O mundo da narrativa freyreana não encontra respostas pelos caminhos da racionalidade e continua sem a compreensão dos fatos insólitos. O sobrenatural insere a incerteza, evidencia que as convicções coletivas podem estar ameaçadas por entidades indecifráveis e demonstra espacialidades gerenciadas por visagens.

O texto de Freyre lança novos caminhos para se refletir acerca do espaço e do fantástico, trazendo luz para uma leitura associada diretamente ao universo do leitor. Da memória coletiva nascem histórias que investem na face secreta da cidade, onde o escuro dos becos e das vielas não é perigoso por causa das violações criminosas da moralidade humana, mas por albergar seres fantásticos que desestabilizam as certezas dos indivíduos. Certamente, o escritor pernambucano deu aos leitores a recordação de um passado assombrado. Há na obra um conjunto de relatos de crenças e de superstições que sobrevivem ao longo do tempo, junto às perenes fantasias psíquicas e às incertezas da realidade.

Referências

BESSIÈRE, Irène. O relato fantástico: forma mista do caso e da adivinha. Trad. de Biagio D'Angelo e Maria Rosa Duarte de Oliveira, **Revista FronteiraZ**, São Paulo, n. 3, p. 1-18, dez., 2009.

BRANDÃO, Luis Alberto. **Teorias do espaço literário**. São Paulo: Perspectiva; Belo Horizonte, MG: FAPEMIG, 2013.

CANDIDO, Antonio. Gilberto Freyre, crítico literário. In: **Gilberto Freyre: sua ciência, sua filosofia, sua arte**. Rio de Janeiro: José Olympio Editora, 1962.

CANDIDO, Antonio. **Literatura e Sociedade**. Rio de Janeiro: Ouro sobre Azul, 2006.

CASCUDO, Luís da Câmara. **Dicionário do Folclore Brasileiro**. Rio de Janeiro: Ediouro, 2005.

DEL PRIORE, Mary. **Do outro lado**: a história do sobrenatural e do espiritismo. São Paulo: Planeta, 2014.

FREYRE, Gilberto. **Como e porque sou e não sou sociólogo**. Brasília: Editora UnB, 1968.

FREYRE, Gilberto. Assombrações do Recife velho. **Diário de Pernambuco**, 30 ago. 1970.

FREYRE, Gilberto. **Assombrações do Recife velho**. 6° ed. São Paulo: Global, 2008.

FREYRE, Gilberto. **Sobrados e Mucambos**. 1° ed. digital. São Paulo: Global, 2013.

FURTADO, Filipe. **A construção do fantástico na narrativa**. Lisboa: Livros Horizonte, 1980.

JACKSON, Rosemary. **Fantasy**: literatura y sbversión. Buenos Aires, AR: Catálogos Editora, 1986.

LORETTO, Rosane Piccolo. **Paraíso e Martírios**: histórias de destruição de artefatos urbanos e arquitetônicos no Recife. Dissertação (Mestrado em Desenvolvimento Urbano), Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2008.

MORENO, Newton. Pois o Recife Antigo teve uma rua chamada do Encantamento. In: FREYRE, Gilberto. **Assombrações do Recife velho**. 6° ed. São Paulo: Global, 2008.

ROAS, David. **A ameaça do fantástico**: aproximações teóricas. Trad. de Julián Fuks. São Paulo: Editora Unesp, 2014.

TODOROV, Tzvetan. **Introdução à literatura fantástica**. Trad. de Maria Clara Correa Castello. São Paulo: Perspectiva, 1975.

Para citar este artigo

SILVA, I. B. da. Os sobrados assombrados do Recife velho: relatos de Gilberto Freyre. **Macabéa – Revista Eletrônica do Netlli**, Crato, v. 10, n. 5, 2021, p. 81-96.

O autor

IVSON BRUNO DA SILVA é mestre em Letras pela Universidade Federal da Paraíba (UFPB).